

# INTERIORES

MAÍRA SELVA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

## I.

**O dia amanheceu como anúncio de um novo tempo,** uma mudança de capítulo na história dos homens, num pedaço de mundo, pelo menos, o mundo que era o da pequena cidade na encosta do morro.

Os raios de sol pareciam ironicamente ignorar qualquer lembrança da noite anterior, sem nenhuma filtragem de nuvens. Se o céu se mostrava límpido, incólume, conclusão contrária se tirava do chão. Troncos e restos de animais, folhas, copas inteiras carregadas e emaranhadas, misturadas pelo que antes se podia chamar de rua, brinquedo de menino, plantações de milho, areia do açude, lembrança de cercas, flores dos jardins e do cemitério, depositadas, ontem, aos finados. Mais por cansaço do que por falta de curiosidade, via-se quase ninguém pela rua. Até os cachorros se encolheram para dentro das casas. Havia sido tanta reza e olhos em claro que, agora, a mistura do medo do que se podia constatar, depois da incontestada tragédia e da exaustão, adiava-se qualquer auditoria, qualquer busca, averiguação. Nem as janelas se abriram. Ontem, foi até consentido que as crianças se aninhassem no leito dos pais.

Começou com a possibilidade de uma chuva como aquelas próprias da época, trovoadas sem a arrastação pra dentro de

dias que nem acontece no verão. Por volta das quatro da tarde, os passarinhos começaram a se esfregar na terra solta, mas, em coisa de meia hora, o céu ficou tão preto, que parecia noite. Mal deu tempo de tirar a roupa do arame, fechar a casa. Ainda que esperada por aqueles que respingam água para abaixar a terra do terreiro, ou por quem lida pelas estradas de cascalho, o pedido tinha sido mais do que cumprido. Não convinha, de todo modo, reclamar. Ano que vem, a demonstração de desgosto poderia significar água pouca ou nenhuma.

Elisa já havia acordado. Na verdade, não sabia nem se dormira. Demorava-se sobre o travesseiro de paina, enquanto ouvia a mãe na beira do fogão de lenha no que se subentendia, pelo horário e pelo costume, ser sua oração diária. Nos dias normais, na verdade, em todos os outros, ela o fazia no pomar, caminhando lentamente entre as goiabeiras e o pé de romã. Ana já havia acendido o fogo, mas, ao contrário do cheiro de café, rescendia o de um chá doce, talvez de erva-cidreira.

A entorpecência de toda cidade deu lugar a um ímpeto de dever, o que fez com que todos e Elisa se colocassem a se levantar por volta do que parecia ser nove horas. Era muito trabalho a ser feito, e, também, o trabalho da alma, de se resignar aos desígnios, se aprumar no entendimento sem muita reflexão.

Um pouco diferentemente, Elisa, desde ontem, misturou pensamentos e sensações de presságio. Não que fosse gente de superstição. Mas o povo da roça, mesmo criado com muita retititude na igreja, não deixa de ser um pouco irmanado com coisas de outras sabedorias, simpatias, benzeções, ajeitamentos com assombração e toda sorte de acordo e respeito ao desconhecido.

Somado a essas heranças pouco voluntárias, ainda havia em Elisa sempre um olhar encortinado pelos contornos da fic-

ção, enxergando nos acontecimentos as viradas de narrativa, um lirismo inerente do viver, como se toda a mística da vida se traduzisse no plano de alguém se realizando pelos *alter egos* das pessoas comuns, das pessoas todas.

Não quis pensar que fosse algum castigo ou agouro, mas, a própria mudança mesma, força externa, contingente e intangível, única capaz de mover as coisas imóveis que, por serem o centro de si mesmas, permanecem num eixo, como aquele lugar sempre o fora, perdido entre as encostas dos morros.

Nessas divagações de profundidades, não adiantava pra ela, como era sabido, se debruçar na janela ou por cima da cerca, nem se demorar no alpendre vendo a tarde cair. Para outros dias, tais procedimentos serviam, hoje, não. Sabia que deveria ir para o morro da gameleira. Desde bem pequena, ela aprendeu que ali era seu lugar preferido, principalmente, para essas coisas. Lá de cima, dava pra ver toda a cidade e o recorte do rio, além das terrinhas com as pequenas casas coloridas e pontos brancos ou malhados de poucos gados, até os cupinzeiros dava pra enxergar. Parecia haver ali uma porta pro mundo, pro resto do mundo que ela sabia existir muito mais e maior do que nas histórias dos livros e das pessoas. O morro também era praticamente um ponto de encontro, um momento de comunhão. Quando criança, o pai a levava lá, gostavam de fazer isso, muitas vezes, até escondido da mãe, só para criarem um momento que fosse só dos dois. Conversavam, atiravam pedrinhas morro abaixo, se sentavam pra chupar laranja azeda com sal do cocho das vacas. O pai explicava tanta coisa, como quando mostrou com a laranja que a terra era redonda e falou do sistema solar e montava pequenas maquetes pra explicar com frutinhas e cascalhos e falava sobre a força da grvida-

de fazendo gestos e provando com as coisas e até o que tinha sido a revolução industrial e também o que aconteceu na Rússia em 1917. Também contava histórias do seu próprio tempo de criança, quando rolava pneu ali naquela ribanceira, e da vez em que chegou um circo na cidade. Lá havia pessoas diferentes, aventureiras e até as crianças eram destemidas, brincavam com as facas e tratavam dos animais perigosos. Eram estrangeiros, pelo menos, na fantasia do pai. A contorcionista, o pai dizia seu nome, forjando pau-sa-da-men-te intenções de um sotaque exótico, rodopiava de pescoço preso com seu *colant*. Dizia que tinha feito amizades com o pessoal do circo, os dois malabares, as crianças. Segundo o que contava, eles o tinham chamado, para seguir com eles, com o circo, mundo afora. Raul, ainda não tinha dez anos, soltou o plano à mesa do almoço. Fora duramente repreendido pela mãe, ainda viva à época. Seu pai permaneceu inerte, a olhar por cima dos óculos. Todos ficaram imóveis e calados. Mas, de madrugada, às cinco horas, conforme combinado, saiu escondido, calçado de Conga e trouxa nas costas. Chegando lá, nada mais havia, só o clareira deixada pela tenda, algum pouco lixo, vestígios de gente e bicho. Não entendeu bem o que houvera, mas sentiu dor profunda. Simplesmente não puderam esperar? Inventaram a história de que ele pudesse ir junto? Era para despistá-lo? Confuso, rondou um pouco a cidade, ouvindo galo cantar, notando os primeiros gracejos do dia, demorou-se, em verdade, com vergonha de si mesmo, com vergonha de voltar. Já havia notas de tinta no céu quando ele, já cansado de pensar, se sentou na calçada em frente à casa — chave também não levava. Depois de um tempo, segurando o queixo impúbere, percebeu o abrir do portão pequeno. Era o pai. Lançou-lhe

um olhar, como se já soubesse de tudo. O olhar era tão contundente, que não parecia haver uma rua entre eles. Mudo, Raul se levantou, atravessou e entrou na casa. Sobre o episódio, nunca, nada mais se falou.

\* \* \*

Depois de homem feito, era natural que fosse tomar conta da oficina do pai, não só pela seqüência que se espera das coisas, mas também seu jeito corpulento de braços, costas, ombros, pelos parecia fazer parte daquela combinação.

Tão grande e forte ele era, que não parecia tão diminuto como as outras pessoas perto dos caminhões sobre os quais se debruçava. E ali, nas operações minuciosas, ficava horas a fio, incrementando os momentos de concentração falando para algum presente, explicando coisas, contando histórias, como quase a extensão de um método.

Não só a oficina mecânica fora herdada do pai. Também uma certa cabeça para inventividades e, como causa e consequência, o costume de ler muitos livros.

Seu pai, sujeito esguio, meio soturno, combinava menos com os caminhões grandes, tinha pouco estudo, mas era fascinado por leitura, pelo hábito de ler em si. Julgava ser importante, como mesmo gostava de dizer com certo orgulho um pouco reservado, ter constituído uma arca com alguns volumes e organizado parte da coleção de enciclopédias na estante da sala: o legado mais importante que deixara aos filhos. Seus óculos grossos e seu corpo fino lhe davam um ar de Carlos Drummond de Andrade. Não fosse por esses destinos, teria o porte de um intelectual. No fim do expediente, sentava-se

de perninhas bem cruzadas se sobrepondo em suas calças de tergal, variando entre os tons de marrom e bege, e lia e relia os mesmos volumes da Reader's Digest que ganhava de alguém de segunda mão.

Alma menos leve, Raul canalizava as fantasias de um mundo que o pai lhe proporcionara para um ímpeto pouco resignado. Falava das coisas e problemas das sociedades e injustiças e poder e colonização e do Vietnam e terceiro mundo e alienação. Mas a tudo dava uma eloqüência tal, que a sua inércia naquele lugar, fazendo as mesmas e simples coisas do cotidiano, usando expressões e entonações, que, ainda que fossem pontuais ou sutis, faziam com que Elisa, mesmo tão pequena, com seu olharzinho atento, acumulasse uma dorzinha no coração, como se neles, nos pequenos, houvesse alguma culpa para a fala inconformada de Raul.

Um dia, numa daquelas tardes comuns de se contemplar o longe da estrada, um veículo inusitado veio se aproximando com dificuldade notável. Era uma Kombi velha, colorida a um ponto de não predominar cor nenhuma.

Raul logo foi ajudar os sôfregos passantes com a solicitude e a curiosidade próprias dos jeitos do interior.

Ele, naquele dia, chegou mais tarde do que de costume em casa e, enquanto tirava a roupa surrada do trabalho, antes mesmo que tomasse banho, começou empreendendo uma conversa que assustou mais pela forma de abordagem do que pelo conteúdo. Seu discurso, impregnado de uma empolgação infantil, parecia de menino quando quer expor, pelas suas referências de lógica, os benefícios de uma empreitada que se requer ou de um objeto que se almeja ganhar.

O jantar foi uma sucessão de discursos e uma postura falante pouco conhecida das crianças. A ideia inicial, como expôs, era apenas ir com o pessoal até São Tomé das Letras, imagina, sem gastar nada, só para cuidar que a Kombi velha não fizesse uma de suas “cenas”, contava o pai, forçando intimidades, com uma risadinha por entre os dentes. E falava e falava e se repetia. Os meninos, apoiados em cotovelos, se cansaram de estranhá-lo e foram ficando sonolentos e logo foram se deitar sem que a mãe, dessa vez, precisasse insistir.

Ana há muito já tinha se levantado, recolhendo a louça, tampando as panelas, e, quando se aproximava, era pra ficar meticulosamente e com pressa não-habitual retirando farelos com a ponta úmida dos dedos de cima do forro plástico da mesa. Fazia como se não escutasse direito, quer dizer, como se atenção nenhuma estivesse prestando; a única postura que lhe cabia, uma vez que Raul não era o tipo que pedia coisas à mulher, como se houvesse qualquer tipo de submissão, por mais carinhosa que fosse. Não. Mas seu jeito de tentar lhe convencer com raciocínios e melindres que lembravam os de um conquistador a irritavam sobremaneira e a deixavam sem saber o que fazer para atender o que o outro dela esperava, ao mesmo tempo em que mostrava uma antecipação de desespero por pressentir o tipo de coisa que estaria por vir. Naquela noite, não dormiu. Nem reza, nem vela acesa na dispensa. Nada aquietou o coração. Ao contrário, Raul chegava a dar suspiros entre uma virada e outra na cama. A alegria que parecia deixar transparecer, seu aspecto, traziam a Ana quase que uma obrigação altruísta de pelo menos fingir que o deixasse insistir naquela aventura desmedida.

---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

CONTATO  
[mairaselva@gmail.com](mailto:mairaselva@gmail.com)

---

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em janeiro de 2024.

---